

que vem conduzindo à autodestruição de pessoas e instituições, neste nosso mundo pós-moderno onde, a par com a «razão débil», o «pensamento débil», e, em geral, o homem débil, muita coisa perdeu solidez e consistência, nisso se incluindo, a título muito particular, a confiança e a própria fé dos crentes.

Os autores procedem à análise crítica deste fenómeno, servindo-se do recurso às últimas aquisições da neurofisiologia, da psicologia, da sociologia, da etnologia, das filosofias contemporâneas e da teologia. Por isso mesmo, estamos perante um ensaio pluridisciplinar. Jeannerod mostra como os comportamentos de confiança e de desconfiança obedecem a mecanismos orientáveis do nosso cérebro. Ganoczy explora a essência da fé como acto de confiança no Fiável por excelência, gerador de um *éthos* de cooperação sociógena e eclesiógena que nos capacita para a ultrapassagem da desconfiança em todas as circunstâncias. Em face desta análise, os dois propõem uma terapia de confiança para um mundo em crise, também de confiança, ou que carrega consigo a doença da desconfiança.

Pelas páginas do livro, obedecendo sempre a esta perspectiva e a esta preocupação de fundo, perpassam temas e problemas concretos, tais como: a relação mãe-filho, a família como escola de confiança mútua, a teoria do espírito e a atividade cerebral, mentira e confiança, a psicoterapia, a relação entre confiança e desenvolvimento da pessoa, a emancipação da mulher, o casamento à experiência, casais com filhos e casais sem filhos, a relação dos divorciados com os filhos, os «casais» homossexuais, a relação entre alunos e professores na escola, confiança e desconfiança entre pacientes e médicos, confiança e desconfiança no seio das empresas, o vaivém entre confiança e desconfiança na União Europeia, idem

entre crentes e hierarquia no seio da Igreja, o conceito teológico de fé-confiança, a fé em face da morte e do mal, etc.

Um elenco bibliográfico selecionado mas bastante para o assunto em causa completa a edição.

LUÍS SALGADO

ILLANES, José Luis (dir.), **Conversaciones con Monseñor Escrivá de Balaguer**, Edición crítica y histórica de las «Obras Completas, Serie I (obras publicadas), vol. 3, Ediciones RIALP, Madrid 2012, XXVI+576 p., 245 x 169, encadernado com sobrecapa, ilustrações fotográficas e facsímiles em papel Offset *hors-texte*, ISBN 978-84-321-4203-1.

O título deste livro é exatamente o do quarto livro publicado em 1968 pelo então Mons. Escrivá de Balaguer. Trata-se agora da sua edição crítica, levada a cabo pelo Prof. José Luis Illanes, coadjuvado pelo Prof. Alfredo Méndiz. Os organizadores inscrevem-no no segundo de três ciclos dos seus escritos: cartas, entrevistas, meditações e homilias. O livro das *Conversaciones* adquire especial importância em razão, não só da maturidade literária do autor, mas sobretudo porque reflete uma fase da história da Igreja e da história do mundo marcada por grandes acontecimentos, como o Concílio Vaticano II, o movimento do maio de 68 e o incremento do processo da globalização. Nesta ordem de coisas, começa justamente por uma exposição elucidativa sobre as *Conversaciones* no contexto da vida do fundador do Opus Dei (pp. 7-25).

A edição tem todo o aspecto de ter sido muito bem preparada e muito cuidada em vários sentidos. Uma Introdução geral

apresenta, numa primeira parte, a génese e a história das *Conversaciones*. Numa segunda parte, analisa-se a plural mensagem das mesmas (as suas grandes linhas estruturais): a realidade do Opus Dei, a insistência na liberdade e responsabilidade pessoais, a Igreja enquanto comunidade viva dotada de missão, o Vaticano II e a sua aplicação, o tema do amor ao mundo e da santificação do trabalho, cultura e universidade, distinção homem-mulher, matrimónio e família. Na terceira parte são apresentadas as características da presente edição: texto, números marginais, aparato crítico, introduções e notas de comentário, peças da tradição editorial, fontes e apêndices.

O grande corpo do livro é preenchido, naturalmente, com os textos das entrevistas e de uma homilia no Campus da Universidade de Navarra. Sucessivamente são apresentadas, com o aparato crítico atinente, entrevistas a *Palabra* (Espontaneidade e pluralismo no povo de Deus), à *Time* (Porque nasceu o Opus Dei?), a *Le Figaro* (O apostolado do Opus Dei nos cinco continentes), ao *The New York Times* (Porque tantos homens se aproximam do Opus Dei?), ao *L'Osservatore della Domenica* (O Opus Dei: uma instituição que promove a busca da santidade no mundo), à *Gaceta Universitaria* (A Universidade ao serviço da sociedade actual), à *Telva* e a *El mundo Cristiano* (A mulher na vida do mundo e da Igreja). O elenco encerra com a já referida homilia.

Cada entrevista reproduzida é precedida de uma breve introdução explicativa da sua oportunidade, da escolha do tema versado e de outros pormenores de interesse para a compreensão das perguntas e das respostas. Segue-se o texto, com cada parágrafo das respostas devidamente identificado por numeração marginal e com as respectivas notas críticas em rodapé. O livro inclui um índice de matérias e

outro de citações bíblicas. E ainda cinco apêndices: elenco completo de edições, índice de nomes citados na *Conversaciones*, índice de nomes de autores e instituições citados na Introdução e nas notas da presente edição, índice de fontes arquivísticas e bibliografia,

JORGE COUTINHO

ZAK, Lubomir, **Trindade e imagem. Aspectos da teologia mística de Vladimir Losskij**, Editora Ave-Maria, São Paulo, 2012, 173 p., 210 x 140, ISBN 978-85-276-1415-3.

O autor deste livro, eslovaco radicado no Brasil, procede nele essencialmente a uma leitura de um livro do teólogo russo Vladimir Losskij, *Teologia mística da Igreja do Oriente* (1944); e tem como propósito fundamental destacar a riqueza da teologia oriental, muito mais propensa à mística que à pura especulação racional típica da teologia do Ocidente. Diferente, pois, da linha anselmiana da *fides quaerens intellectum*, ela leva consigo a tensão mística, da experiência do Mistério, tendendo como tal a ser uma teologia experiencial ou vivencial, da parte daquele que a produz, e a acentuar o carácter apofático, do lado do objeto com o qual lida.

O título «Trindade e imagem» procura traduzir a intuição de Losskij, aqui realçada por Zak Lubomir, de que não há tema teológico que não deva ser pensado senão na luz obscura do mistério da Trindade divina e do seu grande Revelador, o Verbo feito homem, rosto sensível do Deus Amor e Imagem originária da humanidade de todo o homem, ele mesmo imagem criada a partir daquele Verbo (ou Rosto) trinitário.

RAUL AMADO